

**João B. Serra**

**Hainzi Stael Von Holstein:**

**Uma artista que revolucionou a cerâmica das  
Caldas**



Nasceu em Budapeste em 1913 e faleceu em Londres em 1961.  
A formação artística obteve-a primeiro em Viena de  
Austria, na Escola de Artes e Ofícios, onde cursou artes  
gráficas, e depois em Budapeste, onde frequentou a  
Academia de Belas Artes.

A Guerra forçou-a a abandonar a Hungria. Até 1945, permaneceu em Estocolmo, onde trabalhou como desenhadora de tecidos e ilustradora de livros e revistas. Em 46 veio para Portugal, onde desenvolveu uma larga actividade artística, na gravura, na pintura mural e vitral, na cerâmica e na ilustração.

Hainsi Stael deixou-se fascinar sobretudo pelas actividades e tipos populares urbanos: as varinas de Lisboa, as mulheres da Nazaré, as procissões, os mercados.

A sua aproximação à cerâmica terá inicialmente passado pelo atelier de João Fragoso, um escultor nascido nas Caldas que em 1946 montou, em Lisboa, uma escola de cerâmica. João Fragoso fora aluno, na escola Industrial, do ceramista Francisco Elias, com quem aliás tinha um parentesco por afinidade. É possível que a contacto com Fragoso, e, na escola deste, com Fernando da Ponte e Sousa, esteja na origem do interesse mais tarde manifestado pela artista relativamente à cerâmica caldense.

Em 1944, tinha sido criada por iniciativa de Alberto Pinto Ribeiro uma nova unidade de laboração cerâmica nas Caldas, denominada Fábrica Mestre Francisco Elias. Produz louça para exportação. Dois anos mais tarde, a empresa sofre uma reestruturação do nucleo de accionistas, passando a denominar-se Sociedade de Exportação e

Cerâmica Lda (Secla). Fernando da Ponte e Sousa torna-se então o sócio maioritário.



Em 1950, a Secla contrata Hainsi Stael para chefiar a secção de pintura. Stael revolucionou as linhas de produção da fábrica, nessa revolução implicando afinal a cerâmica das Caldas. As mudanças mais significativas situam-se primeiramente no lugar atribuído à pintura na decoração cerâmica. O "palissy", cuja orientação decorativa se baseava no relevo, é abandonado, ou melhor transformado em motivo desenhado e colorido. As formas da louça são agora simplificadas e padronizadas, segundo as exigências não só do gosto como das necessidades da produção em larga escala. A redução ou mesmo supressão do

relevo é compensada pela riqueza cromática e representativa da pintura "underglaze". Uma extensa galeria de cenas populares invade os centros de pratos e travessas e faz a imagem da produção da Secla nos anos 50 e seguintes. Hainsi Stael também interveio profundamente na linha de produção de objectos decorativos, sobretudo na representação da figura humana, rompendo definitivamente com os cânones académicos, inovando, quer na escolha dos tipos (palhaços, foliões, anjos), quer na liberdade de representação e de decoração pela cor. O confronto com a tradição do "palissy" caldense permitiu, por outro lado, recriar formas e decorações de grande ousadia e efeito espectacular, como o fruteiro em que o contentor branco e liso é rodeado de frutos de cores vivas não realistas.



Hainsi Stael foi a criadora do estúdio da Secla, aí realizando um conjunto de peças únicas onde a pintura é sobretudo um jogo de cores e as formas assumem um experimentalismo que transgride claramente as normas da

peça puxada à roda, e aí inspirando um importante núcleo de jovens artistas e ceramistas, portugueses (na sua maioria) e estrangeiros.

Entre 1950 e 1954 esteve presente nos salões de cerâmica moderna do Secretariado Nacional de Informação. Em 1954, foi-lhe atribuído pelo SNI o prémio Francisco de Holanda. Participou em exposições colectivas, não apenas com cerâmicas, mas com desenhos e pintura. Neste mesmo ano, expôs em Cannes, na Exposição Internacional de Cerâmica, intergada na delegação portuguesa, tendo obtido a Medalha de Ouro.



Ilustrou livros (por exemplo a obra de Sophia de Melo Breyner), e expôs individualmente e em conjunto com o escultor Hein Semke. Fez parte da Cooperativa de Gravadores Portuguesas, Gravura, tendo aí produzido trabalhos entre 1957 e 1960. Em 1958, participou na 1ª

Trienal Internacional de Garvuras Originais a Cores em Grenchen.

Paralelamente, recebeu encomendas para painéis – nas Caldas, em Lisboa, na Madeira. Em 1955 foi-lhe atribuído uma Medalha de Honra na Exposição Internacional “Les Chefs d’Oeuvres de la Céramique Moderne”.

A necessidade de receber tratamento para a doença que a viria a vitimar forçou-a a abandonar a Secla em 1957 e Portugal pouco depois.

No seu gabinete da Secla pintou um mural representando as diversas fases do trabalho cerâmico. Fotografado antes da destruição, em 1990, a partir desse registo a fábrica Aleluia realizou o painel azulejar que hoje se pode ver no exterior da Secla III, na Zona Industrial das Caldas da Rainha.

